

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

Texto segundo blog: <https://pensandoantropologia.wordpress.com/2012/06/15/fichamento-argonautas-do-pacifico-ocidental/>

Introdução – Tema, método e objetivo desta pesquisa.

Malinowski inicia seu trabalho antropológico fazendo algumas considerações sobre a sociedade que vai estudar. As populações costeiras das ilhas do sul do Pacífico são constituídas de hábeis navegadores e comerciantes, os papua-melanésios, habitantes da costa e das ilhas periféricas da Nova Guiné, da qual Malinowski irá estudar, não são exceção a esta regra. São todos navegadores, artesãos e comerciantes.

A par da atividade comercial, existe outro sistema, bastante complexo e extenso que abrange, em suas ramificações, não só as ilhas próximas ao extremo leste da Nova Guiné, mas também as Lusíadas, a ilha de Woodlark, o arquipélago de Trobriand e outros. Esse sistema de comércio, o *Kula*, é o que Malinowski propõe a descrever, trata-se de um fenômeno econômico de considerável importância teórica. Ele assume uma importância fundamental na vida tribal e sua importância é plenamente reconhecida pelos nativos que vivem no seu círculo.

Antes de Malinowski descrever propriamente o *Kula*, ele apresenta uma descrição dos métodos utilizados na coleta do material etnográfico. Para ele, “um trabalho etnográfico só terá valor científico se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica” (p. 18). Diz ainda que é frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal.

No começo do trabalho de campo nas Ilhas Trobriand, Malinowski conta que não foi possível entrar em conversas mais explícitas ou detalhadas com os nativos, a solução encontrada era coletar dados concretos, e, assim, passou a fazer um recenseamento da aldeia: anotou genealogias, alguns desenhos, relação dos termos de parentesco. Porém, isso tudo não era suficiente para entender a verdadeira mentalidade e comportamento dos nativos, como idéias sobre religião, magia, suas crenças e etc. A saída para desvendar o verdadeiro espírito dos nativos, seria através da aplicação

sistemática e paciente de algumas regras de bom-senso assim como de princípios científicos. Os princípios metodológicos podem ser agrupados em três unidades: em primeiro lugar, o pesquisador deve possuir objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Finalmente, deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro de evidência.

Malinowski ressalta que para fazer uma boa etnografia, conhecer bem a teoria científica e estar a par de suas últimas descobertas não significa estar sobrecarregado de idéias preconcebidas. A pessoa quando parte para uma expedição deve ter a capacidade de levantar o maior número de problemas e não ter a incapacidade de mudar seus pontos de vistas.

Portanto, o objetivo fundamental da pesquisa etnográfica de campo é estabelecer o contorno firme e claro da constituição tribal e delinear as leis e os padrões de todos os fenômenos culturais, isolando-os de fatos irrelevantes. É necessário, descobrir o esquema básico da vida tribal. Este objetivo exige que se apresente, antes de mais nada, um levantamento geral de todos os fenômenos, e não um mero inventário das coisas singulares e sensacionais. Deve, ao mesmo tempo, perscrutar a cultura nativa na totalidade de seus aspectos. A lei, a ordem e a coerência que prevalecem em cada um desses aspectos são as mesmas que os unem e fazem deles um todo coerente. Um etnógrafo que fragmenta seu trabalho, por exemplo, em estudar apenas a religião ou organização social, ou tecnologia, etc, estabelece um campo de pesquisa artificial e prejudica seu trabalho.

A partir da parte VI da introdução, Malinowski faz um aprofundamento sobre metodologia. Na pesquisa de campo o etnógrafo tem o dever e a responsabilidade de estabelecer todas as leis e regularidades que regem a vida tribal; apresentar a anatomia da cultura e descrever a constituição social. Porém, esses elementos não se encontram formulados em lugar nenhum. O recurso para o etnógrafo é coletar dados concretos sobre todos os fatos observados e através disso formular as inferências gerais. Deste material, que deve cobrir o maior número possível de fatos, a inferência é obtida por simples indução. Malinowski faz um “esquema mental” para obter essa indução. “O tratamento científico difere do senso comum, primeiro, pelo fato de que o cientista se empenha em continuar sua pesquisa sistemática e metodicamente, até que ela esteja completa e contenha, assim, o maior número possível de detalhes; segundo, porque, dispondo de um cabedal científico, o investigador tem a capacidade de conduzir a pesquisa através de linhas de efetiva relevância e a objetivos realmente importantes.” (p. 25).

Além do “esquema mental”, Malinowski ressalta ainda que se deve fazer um quadro sinótico de todos os presentes que costumeiramente se fazem numa determinada comunidade nativa, incluindo-se nele a definição sociológica, cerimonial e econômica referente a cada item. Esse quadro sinótico será utilizado como instrumento de estudos e apresentado como documento etnológico. São documentos fundamentais da pesquisa etnográfica: o recenseamento genealógico de cada comunidade, na forma de estudos detalhados: mapas, esquemas e diagramas ilustrando a posse da terra de cultivo, privilégios de caça e pesca, etc. A partir disso tudo é possível apresentar um esboço claro e minucioso da estrutura da cultura nativa. Esse método, Malinowski chama de método de documentação estatística por evidência concreta.

Existe uma série de fenômenos que não podem ser esquecidos durante o trabalho etnográfico e que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas sim devem ser observados em sua plena realidade. A esses fenômenos Malinowski chama de os imponderáveis da vida real. Pertencem a essas classes de fenômenos: a rotina do trabalho diário do nativo; os detalhes de seus cuidados corporais; o modo como prepara a comida e come; as simpatias ou aversões e etc.

Em relação ao método adequado para observar e registrar estes aspectos imponderáveis da vida real e do comportamento típico, não resta dúvida de que a subjetividade do observador interfere de modo mais marcante do que na coleta dos dados etnográficos cristalizados.

Na parte final da introdução, Malinowski finalmente passa para o último objetivo da pesquisa de campo científica. Além dos dados referentes à vida cotidiana e ao comportamento habitual há ainda a registrar os pontos de vista, as opiniões, as palavras dos nativos, pois em todo ato da vida tribal existe a rotina estabelecida pela tradição e pelos costumes, depois a maneira como se desenvolve essa rotina e o comentário a respeito dela, contido na mente dos nativos.

Fazendo uma síntese geral de todos os objetivos da pesquisa de campo etnográfico podemos ver: primeiro, a organização da tribo e a anatomia de sua cultura devem ser delineadas de modo claro e preciso. O método de documentação concreta e estatística fornece os meios com que podemos obtê-las. Segundo, este quadro precisa ser complementado pelos fatos imponderáveis da vida real, bem como pelos tipos de comportamento, coletados através de observações detalhadas e minuciosas que só são possíveis através do contato íntimo com a vida nativa e que devem ser registradas em algum tipo de diário etnográfico. Por fim, uma coleção de asserções, narrativas típicas, palavras características, elementos folclóricos e fórmulas mágicas devem ser apresentados como documento da mentalidade nativa.e

Alguns destaques no pensamento:

1. O primeiro contato sempre gera certa angústia.
2. Os primeiros dias decorrem sob angústia também.
3. É necessário afastar-se de si mesmo e dos seus para conhecer o outro.
4. O outro deve ser visto como uma presa a ser perseguida até seu esconderijo mais secreto.
5. O ser humano é um material escorregadio, mas a etnologia não pode fugir desta tarefa.
6. O trabalho do etnólogo deve revisar seu material constantemente porque é preciso apreender a mente do seu objeto de estudo.
7. Etnógrafos e missiólogos podem se beneficiar muito um do outro.
8. A família é um ponto de observação importante para o etnólogo porque há aspectos diferentes entre o ambiente íntimo de uma família e da cultura.